SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA IMAGOLOGIA[1]*

Hugo Dyserinck

Uma reflexão sobre o desenvolvimento da imagologia até o momento, que não pretenda ser apenas um levantamento de resultados de pesquisas, mas que também queira discutir suas outras possibilidades de expansão, fará bem em analisar de novo a sua posição e o seu *status*, tanto na área da literatura comparada como na das ciências humanas e, ao fazê-lo, levar em consideração as grandes dificuldades a que esta pesquisa comparativa especial se viu confrontada em seu desdobramento (e em seu paulatino reconhecimento), mesmo que estejamos aqui repetindo algo muito dito.

De fato, hoje não é mais necessário defender longamente a imagologia contra a acusação de não ser uma tarefa genuína da pesquisa literária, como tivemos que fazer a partir dos anos 50 e ainda nos anos 70, ao nos confrontarmos, por exemplo, com as afirmações de René Wellek - e de outros seus discípulos menos importantes - de que toda a problemática abordada pela imagologia pertencia às áreas da psicologia social, da psicologia nacional e da sociologia, etc. e não aos estudos literários, cuja tarefa central estaria no plano da estética. Já existe, entretanto, um consenso entre todos os participantes do debate sobre pesquisa literária, tanto na área da comparatística, como no contexto interdisciplinar, e também entre aqueles que consideram os estudos de literatura predominantemente como uma ciência da arte, e aqueles que a vêem, sobretudo como uma ciência social: para todos, não há dúvidas sobre a importância e a utilidade da imagologia, de modo que, hoje, já é quase impossível encontrarem-se julgamentos que a depreciem em qualquer plano científico sério. Ao contrário, há algum tempo têm surgido no mercado até mesmo publicações, cujos autores parecem considerar o termo imagologia como algo tão natural, que até deixam de mencionar a sua precedência e o originário caráter problemático do *terminus*.

Seria bem mais importante, entretanto, aproveitarmos o desenvolvimento alcançado e o estado atual da pesquisa imagológica, pensando no futuro.

Assim, não é de forma alguma supérfluo recordarmos que o interesse pela imagologia manifestou-se bem cedo na literatura comparada, mais precisamente quando a literatura comparada, isto é, a história da literatura comparada, se tornou disciplina acadêmica autônoma. Este interesse já se exteriorizava claramente na obra de Louis Paul Betz, entre outros, que em 1896 considerava como tarefas precípuas da nova área "pesquisar como as nações se olhavam, se elogiavam ou se repreendiam, se aceitavam ou se desprezavam, se imitavam ou se desmoralizavam, se entendiam ou não se entendiam, abriam ou fechavam os corações umas para as outras". Nesta citação, Betz se reportava a Goethe. Também não se deveria esquecer que os primeiros passos dados pela escola francesa de comparatística, numa área de pesquisa, já manifestamente de perfil imagológico, aconteceram em 1905 e 1906, e isto foi feito por Baldensperger e Hazard, que já constituiam a geração dos mestres e dos mentores intelectuais, em

---

[1]* - Dyserink, Hugo - Zur Entwicklung der Komparatischen Imagologie. In: *Colloquium Helvetium*. Sonderdruck, Frankfurt a. M., Peter Lang, 1988, p.19-42. **Trad. Jael Glauce da Fonseca**, pesquisadora do grupo RELLIBRA - "Relações lingüísticas e literárias Brasil-Alemanha". Revisão de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo.

relação aos comparatistas franceses pós-Segunda Guerra, defensores do programa imagológico, considerado, então, como novo e recomendado como tarefa primordial.

Esta presença precoce no âmago da nova disciplina não era de resto surpreendente, já que a imagologia, no fundo, tocava no problema axial e na causa primária de toda a comparatística, ou seja, na experiência da alteridade entre literaturas e culturas específicas. É assim que o discurso de defesa de Carré, publicado em 1951 no prefácio de *La littérature comparée* de Guyard, vai em favor da substituição da pesquisa de influências por uma pesquisa da recepção, isto é, um discurso de defesa que sinaliza a possível ruptura definitiva da orientação seguida até aquela data, em última instância, nada mais do que uma nova ênfase num problema essencial de toda a pesquisa comparatística sobre relações e repercussões. E, assim, não é de se espantar que as dificuldades decisivas, com que a imagologia se confrontou durante o seu processo de evolução, foram, em geral, as mesmas da literatura comparada.

Por isso, teve que percorrer um longo e difícil caminho, desde a sua inserção em uma história da literatura comparada - ainda bastante influenciada pelas idéias positivistas do século XIX - até conseguir perceber a necessidade de se ocupar com a seguinte questão*: comment nous voyons nous entre nous, Anglais et Français et Allemands, etc.?*[2] E este caminho não foi apenas marcado por dificuldades, relacionadas com o desligamento gradual em relação a um elo ainda de efeitos negativos com as filologias nacionais. Tratava-se, simultaneamente, da percepção, que lentamente se impunha, da necessidade de se empregar "uma perspectiva verdadeiramente supracional", com base em uma "neutralidade cultural"[3] em todo trabalho de comparação. E isso era um processo ligado essencialmente ao desenvolvimento da comparatística e, talvez, uma das tarefas metodológicas mais difíceis que a disciplina teve que solucionar. Na verdade, não foi fácil impor a idéia de que talmbém a imagologia só poderia se tornar uma área de pesquisa científica totalmente responsável, autônoma, e tanto produtiva quanto necessária, se ela se libertasse dos objetivos específicos e dos métodos das filologias, independentemente de seu valor para as áreas literárias específicas.

As perguntas que deveriam ser feitas pela imagologia não eram estas: como nós, os franceses, vemos a cultura alemã, e o que podemos com ela aprender para aprimorar nossa compreensão da literatura e da história francesa? Ou, como nós, alemães, ingleses, espanhóis, etc., vemos as outras culturas, e como podemos aproveitá-las para uma melhor compreensão da estrutura e do desenvolvimento de nossas próprias culturas? As perguntas deveriam ser muito mais da seguinte ordem: como se vêem, por exemplo, os alemães, os franceses e os ingleses uns aos outros? E o que se pode aprender desta rede de imagens, mal-entendidos e limitações, etc. para uma melhor compreensão do mecanismo multinacional (por exemplo, dentro da Europa) de hetero e autoimagens nacionais? E também: como podem esses conhecimentos, adquiridos em uma base supranacional, ser empregados para melhorar a compreensão do papel e do significado desses processos para a humanidade?

Percebe-se claramente que nem sempre foi fácil alcançar o nível de compreensão necessário a tais esclarecimentos metodológicos. E isso pode ser verificado até mesmo

---

[2] - (como é que nos vemos entre nós, ingleses, franceses e alemães?)

[3] - No interesse de uma maior consolidação da citada "neutralidade cultural", pressuposta pela comparatística desenvolvida a partir de uma perspectiva supranacional - e também pela imagologia - dever-se-ia levar em consideração o conceito de "neutralidade cultural" de Georges Devereux, que desempenha um papel fulcral em seus inúmeros trabalhos sobre o que ele mesmo denomina etnopsicanálise.

no desenvolvimento da comparatística francesa, que tinha de apresentar, pelo menos, pressupostos os mais favoráveis para o trabalho imagológico. Em alguns aspectos, a comparatística internacional tem, ainda hoje, que combater as dificuldades citadas acima, e isto especialmente, em lugares nos quais os estudos acadêmicos de comparatística ainda se encontram ligados a programas de filologias nacionais, como por exemplo, em combinações que seguem o modelo "Alemão e Literatura Comparada" ou "Literatura Francesa e Comparada".

Nestas dificuldades encontra-se, talvez, a razão pela qual alguns dos melhores comparatistas franceses do pós-2ª guerra preferiram, em última instância, empregar as idéias advindas da imagologia - e seu próprio interesse por elas - a serviço de outras linhas de pesquisa, que oferecessem melhores condições de investigação. Em outras palavras, até que ela, a imagologia, se libertasse de uma literatura comparada que não lhe garantisse um lugar conveniente. Um exemplo bem típico dessa situação é o modelo, desenvolvido por Robert Escarpit[4], de uma sociologia literária que, se notarmos bem, ainda em 1958 partiu da possibilidade de uma reorientação da pesquisa voltada para uma análise da recepção literária, de acordo com as concepções defendidas pela escola francesa de comparatística de Paris, e que tenha, assim, se antecipado em dez anos a Hans Robert Jauss, ao propor partes significativas de uma mudança de paradigma na ciência literária, mudança esta que, mais tarde, foi teoricamente detalhada e consolidada na teoria de Jauss. O relacionamento desta proposta com a imagologia pode ser lido claramente em Escarpit. Mas quem, naquela época, acharia fundamental a necessidade de uma difusão semelhante da imagologia nos programas de pesquisa e de ensino da comparatística e julgaria que, em geral, ela seria adequada não só para o espaço francofôno, mas também para toda a Europa? E quem pensaria, naquela época, só para citar mais um exemplo, no significado e no possível papel da pesquisa imagológica e da comparatística para a *histoire des mentalités*, então em desenvolvimento e hoje tão bem sucedida?

Tendo como pano de fundo as dores do nascimento e da evolução da comparatística, cuja descrição pormenorizada e cuja análise constituirão, quando escritas de novo, um dos capítulos mais interessantes das ciências humanas, se, então, indagarmos a respeito dos resultados concretos fundamentais e metodológicos provenientes da produção existente no campo da imagologia, poderemos mencionar alguns sucessos relevantes, destacando aí dois aspectos principais: primeiro e provavelmente por enquanto, entre os resultados mais importantes está, sem dúvida, o conhecimento crescente da relatividade e do caráter ideológico das imagens, o que está ligado, intimamente associado, ao distanciamento inerente a um trabalho com a imagem de um outro país (tanto no sentido de uma tematologia passada de moda, como no sentido de uma assim chamada psicologia dos povos, há muito superada), tanto assim, que se pode falar de um conhecimento crescente a respeito da relatividade de conceitos como o de povo e o de nação, com os quais as respectivas imagens estão relacionadas - ou pretendem estar, imagens estas que foram criadas e mantidas, em alguns casos, só por causa destes conceitos mesmos.

Isto é possível de ser mostrado através de determinadas conclusões, tiradas apenas das pesquisas de Carré e de seus discípulos sobre o processo de formação bilateral de imagens no plano francês-alemão. Podemos fazê-lo através de resultados de

---

[4] - Escarpit, R. - *Sociologie de la littérature*. Paris, 1958, p. 11. Deste autor, o ensaio "Os métodos da sociologia literária" encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco,1994, p.149-156.

determinadas investigações sobre os diversos processos de formação de imagens, tanto no âmbito do encontro entre as culturas germânica e latina, quanto no plano do contato entre países europeus e não europeus, tal como nas pesquisas que foram efetuadas dentro do Programa da Escola Comparatística de Aachen, programa este que sucedeu ao Programa da Escola Comparatística Francesa (mesmo que ainda mantendo uma clara ligação com este).

Se alguma conclusão de grande alcance foi tirada de publicações como a de Jean-Marie Carré *Les écrivains français et le mirage allemand* (1947), a de Anfré Monchoux *L'Allemagne devant les lettres français de 1814 a 1815* (1953), ou a de Claude Digeon *La crise allemande de la pensée française 1870-1914* (1959), foi a do reconhecimento da falta de conteúdo verídico genuíno e comprovável referente à imagem francesa da Alemanha, aliada à constatação de sua relatividade evidente, ou seja, apesar da consistência de sua estrutura básica, a imagem mostrou-se altamente dependente de diversas correntes filosóficas, políticas e econômicas atinentes aos respectivos períodos atravessados pelas relações franco-alemãs.

Só algo assim pode ser concluído de tais formações de imagens, que foram esboçadas e divulgadas por teóricos engajados, de acordo com o desenvolvimento de programas políticos que lhes convinham. Assim é o caso de um fenômeno como o da teoria da negritude que, inegavelmente, não passou de uma valorização de uma macroestrutura imagotípica (aliás, proveniente da Europa), cujas declarações sobre as chamadas características de povos, grupos e também raças nada tinham a ver com o registro de uma realidade etnopsicológica, sendo de uma natureza puramente ideológica.

No âmbito das investigações mais tarde realizadas no Programa de Aachen, partindo da análise do papel da formação de imagens na recepção internacional da literatura em idioma francês da Bélgica e, especialmente, dos autores flamengos da geração de 1880 que escreviam em francês e, ainda mais especificamente, da literatura oriunda da Flandres - e este material mostrou-se absolutamente adequado à pesquisa - conseguimos perceber como, da relatividade das imagens e das estruturas imagotípicas, surge necessariamente uma relatividade dos modelos de pensamento nacionais. As circunstâncias em que as imagens se mantiveram - ocasionalmente graças aos próprios envolvidos - mostraram, de fato, como as idéias de pretensas características nacionais eram fictícias, contraditórias e totalmente ignorantes da realidade em que se baseavam (isto é, os relacionamentos existentes nas regiões envolvidas e entre suas populações); assim, por exemplo, na região superpovoada e industrializada de "todos os países baixos" (que hoje pode ser denominada, por comodidade, de "Benelux"). Estas pesquisas mostraram também que os conceitos de nacionalidade utilizados eram absolutamente fictícios em sua realidade histórica e, além disso, autocontraditórios, e que, em última instância, só podiam ser compreendidos como simples reflexos de modelos mentais, temporariamente verificados - ou não - na história. As imagens não são, de forma alguma, características de nações, de povos, etc., apesar de alguns poetas terem querido outorgar-lhes o título de "eternas". O que significa, por exemplo, "a alma belga"? O que significa, afinal, "países baixos", "holandês" e "flamengo"? Em que realidades étnicas e geográficas se baseiam esses conceitos? Que importância teria, na descrição de diferenças étnicas, nacionais e regionais aqui em questão, o fato da terminologia utilizada nos países baixos ter desenvolvido conceitos como "Nederlanden", "Nederland", "Vlaanderen", "Holland" (e, respectivamente, adjetivos como "Nederlands", "Hollands", "Vlaams", etc.), conceitos estes que não só são confusos e, dependendo do contexto, contraditórios, como não são adequadamente traduzíveis para outros idiomas?

Através da análise de tais complicações na área de literatura e adjacências, complicações estas que não seriam superadas, mesmo recorrendo a diferenças como, por exemplo, entre "cidadãos do estado" (Staatsvolk) e "cidadãos falantes do mesmo idioma" (Sprachvolk), a imagologia tem provado poder oferecer procedimentos capazes de questionar não só as características nacionais, difundidas por toda a parte na literatura e na crítica européia, como também a própria concepção nacional européia.

O segundo resultado relevante que se pode tirar talvez seja o conhecimento da necessidade urgente de uma pesquisa bem pormenorizada do poder das imagens e das estruturas imagotípicas, isto é, da repercussão característica que elas irradiam, tão difícil de ser controlada e aparentemente impossível de ser dominada e que, hoje, é facilmente perceptível, não raro com conseqüências bastante negativas. Tendo em vista o atual estado da pesquisa e de certas possibilidades ampliadas do emprego da imagologia, este aspecto apresenta-se, pelo menos no momento, como o lado das tarefas possivelmente mais interessantes e plausíveis de serem executadas.

A questão sobre o *status* ontológico das imagens - que certamente não pode ser substimado - não mais nos deveria colocar , neste contexto, diante de um problema difícil. Já chamei a atenção, em outra oportunidade, para o fato de que tal *status* pode ser bem definido por meio da descrição que Karl Popper faz dos objetos do assim chamado "mundo 3"[5]. De fato, no caso das imagens e das estruturas imagotípicas, trata-se de acontecimentos produzidos pelos homens em formas comunicativas e decodificáveis (isto é, no âmbito de obras e de críticas literárias) que podem, a qualquer momento, ser consultadas e reativadas. São objetos produzidos pelos homens que podem, novamente, atuar sobre a humanidade, e possuem, até certo ponto "suas próprias leis autônomas", produzindo também "conseqüências despropositadas e imprevisíveis".

Se perguntarmos pelo poder e pela repercussão das imagens, seremos levados não apenas a seguir as diferentes formas de manifestação de sua existência no campo literário, como também a perguntar pelos seus efeitos nos diversos planos em que as imagens nacionais são, de alguma forma, relevantes.

Com isto, um outro aspecto bem distinto da discussão sobre o caráter literário-científico da imagologia (aqui tratado apenas de passagem) tornou-se obsoleto: a saber, a crítica, já mencionada acima e feita nos últimos tempos, sobre o nosso método de trabalho - e, desta vez, de uma maneira justamente oposta ao debate que se deu nos anos cinqüenta e sessenta entre a "escola francesa" e a "americana"-, como um método que parece estar demasiadamente ligado a um "conceito literário restritivo, abrangendo apenas a 'literatura imaginativa' tal como preconizada por Wellek". Se nós nos restringimos às imagens e às estruturas imagotípicas que aparecem na literatura, na crítica literária e nas histórias da literatura, tal restrição não está de forma alguma relacionada com a discussão sobre a sua pertinência ou não pertinência à *literariness*. Acreditamos, muito mais, que as imagens consideradas no nosso trabalho são elementos que aparecem, em grande parte, na literatura e suas adjacências, lá se manifestando de forma clara e, de lá, atuando sobre processos políticos e sociais. Em conseqüência, elas se oferecem como objetos que, por diversas razões, em conjunto com diversos objetivos, exigem uma pesquisa científica. Esta limitação não tem, por si só, relação alguma com uma definição do *status* ontológico da literatura, e não pressupõe qualquer definição como esta; em outras palavras, não nos empenhamos a favor de um determinado conceito literário, partindo de um ponto fulcral que concebe a *literariness*,

[5] - Popper, Karl - *Objektive Erkenntnis*. Hamburg, 1973.

e também não se trata, com certeza, de uma pesquisa literária baseada numa decisão a favor de um estudo intrínseco da literatura, no sentido de sua antítese - do então muito comentado - *extrinsic approach*. Em suma, trata-se, nada mais, nada menos, de uma especialização que escolhe conscientemente o seu material de pesquisa, sabendo que há séculos existe algo, no campo das possibilidades criativas da expressão humana, que foi criado e denominado "literatura", e percebido e tratado como literatura, tanto pela crítica literária, como pela ciência literária, que sempre acompanharam a literatura. Que o próprio conceito de literatura é e tenha sido "oscilante" (a expressão foi empregada já em 1891 por Hermann Paul em seus *Prolegômenos*), que ele depende da época e, não raro, da moda, não se ficou sabendo apenas depois da Segunda Grande Guerra, e as diversas tentativas, determinadas pela história das idéias e das épocas, de compreender a literatura e o literário, dentro das diversas mutações da estética literária e de uma "teoria geral da literatura". Por isso, a discussão em torno de uma definição de literatura fica em segundo plano para a imagologia e é, em última instância, irrelevante. Nós sabemos que sempre houve, e ainda há, imagens relacionadas a nações na área da literatura - não importa como entendida - e nas publicações críticas e científicas que se ocupam com ela. Nós sabemos, além disso, que as concepções nacionais, difundidas na Europa e em outros lugares, na área da literatura e através dela, receberam, no mínimo, uma grande dosagem de efeito emocional, com o que alcançaram uma grande abrangência. E nós estamos, em conseqüência disso, da mesma forma cientes do fato de que é uma tarefa altamente promissora ocupar-se com a literatura, por causa do papel que estas imagens desempenharam - e ainda desempenham - fora da literatura e de seu meio. Nossa vinculação à literatura e ao literário que, no passado foi positivamente acentuada por terceiros (ainda que nem sempre no sentido de nossas intenções)[6] e que, agora, para nossa surpresa, é censurada - é, em última instância, um problema de divisão de trabalho, tanto em relação à estrutura das ciências humanas, como também no sentido de uma verdadeira interdisciplinaridade, justamente para se evitar o diletantismo e, mais ainda, por levar em consideração o fato de que outras imagens, estereótipos, etc. existem, cujas análises podem e precisam se tornar tarefas de outras disciplinas.

Partindo dessas reflexões, somos de opinião de que, também no futuro, será de grande relevância dar ênfase à pesquisa de como certas imagens e estruturas imagotípicas se afirmaram no decorrer da história européia e atuaram nos diferentes campos, isto é, não só na literatura e nos processos relacionados com a recepção da literatura, mas também nas áreas claramente não literárias da vida social, do pensamento e da ação políticos em geral.

Não é mais necessário chamar a atenção, de modo pormenorizado, para a repercussão das imagens na literatura e nem para a sua presença contínua até o presente momento nas belas-artes. Ela é evidente e mais do que pública. Todos conhecem aquelas obras francesas ou alemãs que ainda, na segunda metade do século XX, tematizam respectivamente o outro país, e sabem da sua persistente duração. Das obras atuais, citemos apenas *Le roi des Aulnes* de Michel Tournier ou *Le tilleuls de Lautenbach* de Jean Egen.

É igualmente dispensável uma exposição detalhada sobre o papel desempenhado por certas imagens nacionais na divulgação e na recepção da literatura, apesar de toda a desideologização da crítica e da ciência literárias. Nas pesquisas imagológicas, citadas acima, sobre o problema da recepção internacional da literatura da Flandres escrita em idioma francês e holandês dos séculos XIX e XX, pudemos verificar como a imagem da

---

[6] - Weisstein, U. - *Einführung in die Vergleichende Literaturwissenschaft*. Stuttgart, 1968.

Flandres, em parte configurada artificialmente, mas bem aceita como sua característica (polaridade 'sensualidade/misticismo', etc.) foi levada a sério e até mesmo cultivada sem reservas por uma certa crítica literária, como uma marca típica da "peculiaridade do povo", mesmo da "raça" flamenga, através de várias gerações. Ela é conhecida no idioma alemão desde Stefan Zweig, que elogiava Emile Verhaeren como típico representante da "raça belga", passa por Johannes Schlaf, que interpretava a dedicação de Maeterlinck a Plotino, Ruysbroeck e Novalis como conseqüência de um "instinto racial", chegando a um romanista como Kurt Glaser que disse, sobre os flamengos que escrevem em francês, que estes teriam haurido forças novas provenientes de fontes que "permanecem fechadas aos franceses" na índole nacional, onde vive ainda um resto de força vital e ascendência germânica. De fato, tratava-se de um número especial de críticos e de pesquisadores da literatura que estavam ofuscados por uma imagem da Flandres que se mantinha inabalável a qualquer confronto com a realidade, e que, além disso, só contribuiram de modo decisivo para a divulgação (grande para a época) e para a tradução, do flamengo para o alemão, de "literatura do solo pátrio" (Heimatliteratur) de autores como Timmermans, Streuvels, Walschap, etc., influenciando até mesmo a recepção da nova literatura da Flandres.

De um outro tipo é a importância daqueles casos, nos quais os elementos imagotípicos, surgidos e desenvolvidos no campo literário, atuaram tanto na área da assim chamada visão de mundo, como também na da política 'prática'. Somos, aqui, de novo automaticamente confrontados, em nosso contexto europeu, com o francês, o alemão e o inglês que, com freqüência, constituem as dominantes decisivas, ou seja, com aquela tríade formada no decorrer do século XVIII, numa época em que o nacionalismo adquiria contornos definitivos, e que levou à formação da macroestrutura imagotípica no âmbito alemão, francês e inglês. Esta macroestrutura, por vezes ainda hoje, exerce influência nos pensadores (e não só nos interessados em literatura), tão logo o relacionamento de um destes países com o outro, ou com os outros dois, se torna problemático. Ocorre, então, o distanciamento alemão da esfera francesa, vista agora como racionalista e "apenas" civilizadora e, ao mesmo tempo, sua aproximação da esfera inglesa, cuja forma de pensamento passa a condizer mais com a forma alemã de pensar, justamente quando há uma relação tensa entre a França e a Inglaterra, onde repercute um sistema de ação e reação análogo. Este processo, iniciado na época de Lessing, é conhecido. Sabe-se de sua influência decisiva sobre o pensamento nacional, tanto na Alemanha quanto na França. Sabe-se também de algo a respeito de sua repercussão no plano político. Ainda hoje, porém, não temos conhecimento suficiente das reais dimensões de sua influência nas últimas décadas do século XIX, ou de que maneira ele foi atuante nos grandes acontecimentos políticos e sociais do século XX. Um exemplo clássico da repercussão e do poder das estruturas imagotípicas, isto é, do pensamento imagotípico internacional é a concepção do que é germânico. Isto, enquanto combinação de cultura germânica continental européia e cultura anglo-saxônica, que lhe é "aparentada", atua como circunstancial contrapeso "intelectual" e até mesmo "racial" em oposição à deficiência racionalista-românica de profundidade e de "cultura intelectual" (Seelenkultur); e isso penetra até os últimos recantos daquele pensamento "popular" do Romantismo, passando pela "literatura do solo pátrio" e, distanciando-se daquela literatura civilizadora do tempo imperial e da República de Weimar, chega até à 'visão de mundo' e, em última instância, à política do Terceiro Reich.

Da enorme repercussão dessas idéias, salientaremos à guisa de ilustração apenas um único caso de contornos precisos: o alsaciano Friedrich Lienhard (1856-1929) empregou, tanto na edição de 1905 e 1908, como na reedição, entre as duas guerras

mundiais, de sua obra de vários volumes *Wege nach Weimar* e também na revista *Der Türmer*, então por ele editada, o termo 'Weimar' como conceito-chave para uma cultura caracterizada pela "interiorização" da "cultura dos países do norte", a que subjazia todo aquele repertório do modelo imagotípico, acima citado, sobre o relacionamento entre a Alemanha, a Inglaterra e a França.

Da perspectiva de Lienard há uma corrente contínua, crescente e intensiva de cultura que toca profundamento o coração (Herzensvertiefung), uma cultura do "enobrecimento da alma" (Veredlung des eigenen Inneren), etc., que vai de Lessing, o "libertador", o "pioneiro", que em conjunto com Klopstock contribuiu para superar a literatura francesa, onde "Voltaire e os enciclopedistas tinham dado o tom até então", cultura essa que passa por Herder ("das terras do norte até a terra da alma") e chega até Goethe. Ao mesmo tempo, faz-se freqüentemente referência ao mundo anglo-saxão, visto como próximo: Shakespeare e Ossian, mais tarde Emerson e Carlyle, todos aparecem como representantes de um pensamento idealista, no qual o "mundo intelectual e moral" se desenvolverá corretamente.

Neste contexto, o jovem Goethe torna-se um caso exemplar; sua convivência com o mundo francês da Alsácia, a que ele tanto aspirou, leva-o a um "despertar da germanidade", e isso ocorre paralelamente ao seu interesse pela poesia inglesa: "os ventos da natureza crepuscular de Ossian bafejaram-no; a intimidade singela com o ambiente campestre, própria do homem homérico, coadunou-se com as impressões de Sesemheim". E, na obra *Dichtung und Wahrheit* são realçadas aquelas passagens, nas quais Goethe relaciona, de modo enfático, a sua "libertação" da influência francesa com a sua experiência shakesperiana. Para Lienhard, estas idéias têm um alcance ainda maior. Não se trata apenas da ligação de Herder a Goethe, do interesse de Herder pela "mitologia nórdica"; abre-se um caminho coerente até Wagner, sim, "Richard Wagner é a plenitude de Herder", e Wagner coloca-se de forma semelhante em todo o contexto de Bayreuth. Assim, as especulações sobre o "Norte" em *Wege nach Weimar* levam ao surgimento de diversos artigos em torno de Gobineu e sua teoria das raças, bem como sobre o prematuramente falecido professor de filosofia Heinrich von Stein, temporariamente preceptor de Siegfried Wagner, que participou da criação das famigeradas *Bayreuther Blätter*, publicadas por Hans von Wolzogen, que queriam transformar Bayreuth em um "refúgio da cultura germânica". E, finalmente, esta é a bandeira de outro defensor do "estilo heróico de vida" germânico anglo-saxão, de cujos *Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts* surge o pensamento racista do século XX: o alemão por opção Houston Stewart Chamberlain.

Entretanto, o caso Lienhard não é, de forma alguma, um fenômeno isolado ou excepcional. Na primeira metade do século XX há vários exemplos nas regiões de língua alemã (como aliás em outros lugares também), nos quais um grande número de concepções sobre o que é estrangeiro e o que é próprio vai despontar a partir do pensamento especificamente imagotípico - e com semelhante realce a respeito das relações Germânia-Romênia - exemplos configurados, não raro, através de especulações bizarras e ingênuas, advindas do "espaço livre" da vida literária e que passaram a repercutir no âmbito ideológico e político. Não é preciso reportar-se a Ernst Bertram, Ludwig Klages e Alfred Schuler para se encontrar as marcas destas estruturas; elas estão presentes também em Thomas Mann, e não só em *Betrachtungen eines Unpolitischen*.

O funcionamento destes modelos de pensamento não é difícil de ser acompanhado: os elementos centrais, isto é, as estruturas básicas surgidas num processo literário (como no caso de Lessing e de Gottsched) permanecem constantes. Com o

tempo, e em conjunto com os correspondentes processos histórico-filosóficos desencadeados por literatos e teóricos, são abastecidas de novos ingredientes, em parte claramente aleatórios, e, depois, integradas a um sistema ideológico que passa, então, a estar ao dispor da formação ideológica e política, e também da *praxis*. Esse foi exatamente o caminho percorrido pelas idéias de Lessing e Kopstock sobre a França e a Inglaterra até chegarem a certos intérpretes de Gobineau, de Wagner e de Chamberlain, e até os fundamentos essenciais da ideologia nacional-socialista.

Além disso, casos como os tratados acima também mostram a importância dos processos imagotípicos - assim como também a importância de uma pesquisa específica apoiada em métodos comparatísticos - que tratem a questão do entendimento do que é nacional, isto é, do sentimento patriótico, mesmo porque a formação de cada heteroimagem é acompanhada pela formação de uma autoimagem[7]. É evidente que, do ponto de vista imagológico, a questão da identidade nacional que, em última análise, trata da problemática da formação da autoimagem deve ser vista da mesma maneira e com a mesma relatividade em relação à formação da heteroimagem; é igualmente evidente que certos conceitos como sentimento nacional, consciência nacional, etc., aparecem através da imagologia em uma perspectiva diferente da usada até então.

Considerando tudo o que foi dito, há razões suficientes, mesmo constatando o lento progresso da imagologia dentro da evolução da comparatística, para se fazer um balanço positivo do conhecimento alcançado até hoje, e para se ter uma perspectiva promissora em relação ao futuro da imagologia, não só por causa das possibilidades de emprego do que se conseguiu até aqui, mas também porque a pesquisa progride a olhos vistos no âmbito da formação de imagens dentro da Europa, e se consolida em áreas realmente fecundas. Com base nisso, compreende-se cada vez mais claramente qual a importância que a imagologia pode ainda vir a ter no campo das ciências humanas, principalmente, no contexto interdisciplinar.

Por último, tem-se também o crescente interesse pelo papel que poderá vir a ser, de novo, desempenhado pela imagologia na "história das mentalidades". E, para o futuro, tem-se também a possibilidade - evidente nos últimos tempos, mesmo que não reconhecida por todos - de inseri-la nos programas de "estudos europeus", tanto na Europa como fora dela.

A cooperação com uma pesquisa independente que tenha por tema a Europa - especialmente se evoluir de modo adequado e não se tornar apenas uma disciplina secundária a serviço de modas políticas - é de fato mais bem provável. Pois se existe uma ciência que possa ser considerada tipicamente européia é a comparatística, que nasceu da especificidade multinacional da Europa e surgiu em um continente que, como nenhum outro no mundo, é caracterizado por sua diversidade cultural e que, por outro lado, se concentra num espaço físico relativamente pequeno.

Além disso, de todas as disciplinas das ciências humanas desenvolvidas na Europa, a comparatística é aquela, cuja existência mais tem a agradecer à problemática específica dessa multinacionalidade. Entende-se por que, no início, se tenha falado em querer, através da comparatística, compreender o *esprit européen* e, se possível, preservá-lo. Aqueles que participaram da criação e do desenvolvimento da literatura

---

[7] - No decorrer dos anos, tem sido discutida, de uma forma ainda não detalhada,a estreita relação entre a imagem de um país estrangeiro e a do próprio. Seria também de proveito para a imagologia, dentro deste contexto, considerar outras disciplinas como, por exemplo, a filosofia e a sociologia. Compare-se, por exemplo, o adendo de Edmund Husserl às suas *Cartesianische Meditationen* (Meditações cartesianas) (1931-32), onde, com o título "O nacional, o estrangeiro e o mundo", se encontram algumas considerações importantes para a imagologia.

comparada, entendida neste sentido europeu, conscientizaram-se, mais cedo ou mais tarde, do problema da alteridade que ocupava, no começo e desde então, um lugar central. E, assim, a imagologia, no princípio objeto de polêmica - uma vez que, na verdade, não tinha sua real importância plenamente reconhecida - precisou de se apresentar como uma subdisciplina da literatura comparada, cuja pesquisa específica, dedicada a esta questão matricial, era a mais apropriada para trabalhar esses interesses nucleares da nova disciplina.

Por último, poderiam se inserir as seguintes observações num balanço, que não poderá deixar de fazer referência a perspectivas futuras:

Querer pesquisar a multinacionalidade européia através de uma pesquisa literária, realizada especificamente a partir de uma perspectiva supranacional (e isto dentro de um *esprit européen* que, *ipso facto*, implica em uma certa neutralidade cultural frente aos âmbitos nacionais) significa, mais uma vez, também se concentrar com freqüência em determinados focos de problemas europeus, onde o encontro e o confronto entre literaturas e culturas específicas se delineam com mais clareza em toda a sua complexidade; e isso pode ser pensado tanto historica quanto geograficamente. Assim, não é, de forma alguma, coincidência, se nos referimos durante nosso trabalho tantas vezes aos espaços das inserções e das fronteiras entre as grandes nações da Europa. Além disso, também não é coincidência terem as regiões de fronteira, bem como o "pequeno estado europeu" desempenhado um papel muito significativo enquanto áreas de contato entre as chamadas nacionalidades dominantes, já nos primórdios da literatura comparada. Aqui, nestas regiões de fronteiras movediças e conhecedoras do problema, assentadas entre os grandes espaços, delinearam-se e ainda se delineam os resultados das experiências com o que é estrangeiro e com o que é próprio, não só de modo mais nítido e evidente do que em qualquer outro lugar, mas também aqui, por outro lado, se pôde desenvolver melhor do que em qualquer outra parte a referida *neutralité culturelle*, que deveria constituir *conditio sine qua non* para a realização de genuínos estudos comparativos das e entre as grandes literaturas nacionais de nosso continente.

Por isso, não é de admirar que os grandes representantes da escola comparatística francesa provenham freqüentemente das regiões limítrofes entre a România e a Germânia. Estas haveriam de se tornar, mesmo depois do fracasso das primeiras tentativas feitas na antiga monarquia do Danúbio, o berço da comparatística acadêmica européia. Basta lembrar Baldensperger e sua origem alsaciana-lotaríngia ou Hazard e Van Tieghem[8] com a sua Flandres ao fundo, bem como o papel desempenhado por uma série de suíços para o progresso de nossa disciplina - de Louis Paul Betz a Fritz Ernst e a Albert Béguin. Foram eles e seus discípulos que contribuíram de modo decisivo para a difusão e para a consolidação dos fundamentos do verdadeiro pensamento comparatístico, e ninguém contribuiu mais do que eles, no âmbito da literatura comparada do passado, para a criação dos pressupostos de que a imagologia precisava, pressupostos estes ainda necessários no futuro para o seu desenvolvimento, enquanto uma forma de concretização da quintessência da comparatística. Não é de forma alguma uma reverência a um *genius loci*, se, mais uma vez, aqui e neste contexto, nos lembrarmos enfaticamente deste conjunto de coisas e, com isso, ainda alimentarmos esperanças a respeito do desenvolvimento de nossa disciplina.

---

[8] - O ensaio "Crítica literária, história literária, literatura comparada" deste autor encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 89-98.